

## **POEMAS DE PAUL CELAN (1920-1970)**

*Celso Fraga da Fonseca*

De pais judeus, Celan, na verdade um anagrama de *Antschel*, seu verdadeiro nome de família, nasceu em 23 de novembro de 1920, em Czernowitz, capital da Bucovina, antiga província do Império Austro-húngaro, a qual passou a pertencer à Romênia após a Primeira Guerra Mundial, em 1919.

Como consequência das mudanças políticas ocorridas em sua região natal, teve como línguas maternas o alemão e o romeno. Posteriormente, quando iniciou um curso de medicina na Universidade de Tours, aprendeu o francês. Voltando, mais tarde, para Czernowitz, dedicou-se ao estudo de Romanística.

Com a ocupação de Czernowitz pelas tropas alemãs e romenas, Celan ficou detido em um gueto, sendo levado depois para um campo de concentração, de onde conseguiu fugir para a Rússia. Seus pais, porém, igualmente prisioneiros, foram exterminados. Essa perda, longamente sentida, é tema recorrente em numerosos trabalhos seus.

No início de 1944, retorna a Czernowitz, onde retoma seus estudos lingüísticos. No ano seguinte, aceita um cargo de leitor e tradutor em Bucareste e, em 1947, publica na revista romena *Agora* os seus primeiros poemas. Traumatizado com as catástrofes da guerra, tenta encontrar um lugar onde estivesse livre da perseguição e da opressão.

Viena pareceu-lhe a alternativa certa, por se tratar de uma cidade politicamente neutra e, ainda, por ser considerada, na época, a metrópole da literatura alemã. Ali, em 1948, publica *Der Sand aus den Urnen* (A areia das urnas), seu primeiro livro de poemas. Foi somente em Paris, no entanto, que, nacionalizando-se francês, Celan se estabeleceu definitivamente e compôs a maior parte de sua obra. Ainda em 1948, mudou-se para lá, onde estudou Filologia Germânica e Lingüística na Sorbonne. Em 1952, casou-se com a artista gráfica Gisèle Lestrangé. Em 1955, nasceu seu filho Eric. Foi professor de literatura alemã na École Normale Supérieure a partir de 1959. Traduziu para o alemão vários poetas modernos franceses, russos, italianos e, inclusive, diversos poemas de Fernando Pessoa, entre os quais “Iniciação”, “Autopsicografia” e “Tabacaria”.

Paul Celan é tido por muitos como o maior poeta alemão do pós-guerra e como um dos grandes do século. Quem o lê não pode deixar de sentir o impacto de seus versos. Sua lírica – como, de um modo geral, a lírica do século XX – é hermética, de acesso difícil. No entanto, ainda que nem sempre alcançando, pressente-se a gravidade e, simultaneamente, a inatingibilidade do que tem a dizer, do que deseja ser possível comungar.

Celan não é, definitivamente, para o grande público, não é comercial, não é fácil; um paradoxo, talvez, para um artista ideologicamente engajado com as causas operárias. Mas o hermetismo celaniano é consequência; é menos opção que falta de opção. É que a palavra convencional não serve para tratar o que não é convencional: o século XX e suas guerras, suas encruzilhadas, seus descaminhos, a hora patética, absurda, em que o gênero humano constata não poder gerir sozinho sua história e, pior, está só em face das sombras do futuro – ninguém ao leme. Deus não dá sinal de vida, e a suspeita de que o universo seja destituído de sentido paira no ar. Lentamente, a cada novo

livro, o poeta se petrifica, se engasga, emudece. Sua obra – lírica, em sua quase totalidade – apresenta uma progressiva materialização – ou desidealização – da linguagem, que se traduz na rarefação dos verbos ou na reiteração crescente da palavra “pedra”, por exemplo, modulações mediante as quais expressou um mundo interior mítico e metafísico. Sua insólita expressão acaba sendo, às vezes, quase que completamente inacessível e, mais que isso, intraduzível. Há, por vezes, um pasmo apocalíptico no rosto de seus versos. O que Celan vislumbrou não sabemos; só conseguimos ler a expressão horrorizada de quem perdeu tudo, exceto a fala. Mas as palavras não se desvinculam de quem as profere e do tempo e circunstâncias em que vêm à tona. O discurso celaniano, então, não teria como escapar ileso ao desastre do século XX. Mutilado, “ferido de realidade e buscando realidade”, “com dentes de escrever”, o poeta segue ruminando “esse pão”, essa fatia amarga da História, para, em fins de abril de 1970, pôr fim a sua existência, atirando-se no Sena.

Foi distinguido com vários prêmios literários. Em 1958, recebeu o Prêmio de Literatura de Bremen; em 1960, o Prêmio Georg Büchner e, em 1964, foi-lhe conferido o Prêmio de Arte de Nordrhein-Westfalen.

**Livros de poemas:**

*Der Sand aus den Urnen*, Viena: A. Saxl, 1948.

*Mohn und Gedächtnis*, Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1952.

*Von Schwelle zu Schwelle*, Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1955.

*Sprachgitter*, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1959.

*Die Niemandsrose*, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1963.

*Atemwende*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1967.

*Fadensonnen*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1968.

FONSECA, Celso Fraga da. Poemas de Paul Celan

*Lichtzwang*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.

*Schneepart*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.

*Zeitgehöft*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

**Algumas traduções em português:**

BARRENTO, João. *A morte é uma flor*. Lisboa: Cotovia, 1998.

KOTHE, Flávio. *Poemas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

BARRENTO, João & CENTENO, Y. K. *Sete rosas mais tarde* – Antologia poética. Lisboa: Cotovia, 1993.

CAVALCANTI, Cláudia. *Cristal*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

[MIT DEN SACKGASSEN SPRECHEN]

Mit den Sackgassen sprechen  
vom Gegenüber,  
von seiner  
expatriierten  
Bedeutung – :  
dieses  
Brot kauen, mit  
Schreibzähnen.

[FALAR COM OS BECOS SEM SAÍDA]

Falar com os becos sem saída  
sobre o de defronte  
sobre sua

expatriada  
significação – :

com dentes de escrever,  
mastigar  
esse pão.

[EIN DRÖHNEN]

Ein Dröhnen: es ist  
die Wahrheit selbst  
unter die Menschen  
getreten,  
mitten ins  
Metapherngestöber.

[UM ESTRONDO]

Um estrondo: a  
própria verdade  
surgiu entre  
os homens  
em pleno  
turbilhão de metáforas.

[FADENSONNEN]

Fadensonnen  
über der grauschwarzen Ödnis.  
Ein baum-  
hoher Gedanke  
greift sich den Lichtton: es sind  
noch Lieder zu singen jenseits  
der Menschen.

[SÓIS FILIFORMES]

Sóis filiformes  
sobre o ermo grisnegro.  
Um pensamento  
alto como uma árvore  
agarra o somluz: ainda há  
cantos a se cantarem para além  
dos homens.

KÖLN, AM HOF

Herzzeit, es stehn  
die Geträumten für  
die Mitternachtsziffer.

Einiges sprach in die Stille, einiges schwieg,  
einiges ging seiner Wege.

Verbannt und Verloren  
waren daheim.  
Ihr Dome.

Ihr Dome ungesehn.  
ihr Ströme unbelauscht,  
ihr Uhren tief in uns.

#### COLÔNIA, NO PÁTIO

Tempo cardíaco, ficam  
os sonhados em lugar  
dos dígitos da meia-noite.

Algo falava no silêncio, algo se calava,  
algo seguia seus caminhos.  
Banidos e perdidos  
estavam em casa.

Vós catedrais.

Vós, catedrais invisas,  
vós, rios inauditos,  
vós, relógios, profundamente em nós.

STILLEBEN MIT BRIEF UND WANDUHR

Wachs,  
Ungeschriebenes zu siegeln,  
das deinen Namen erriet,  
das deinen Namen  
verschlüsselt.

Kommst du nun, schwimmendes Licht?

Finger, wächsern auch sie,  
durch fremde,  
eiserne Ringe gezogen.  
Fortgeschmolzen die Kuppen.

Kommst du, schwimmendes Licht?

Zeitleer die Waben der Uhr,  
bräutlich das Immentausend,  
reisebereit.

Komm nun, schwimmendes Licht.

NATUREZA-MORTA COM CARTA E RELÓGIO DE PAREDE

Cera  
para lacrar o inescrito,  
que adivinhou teu nome,



que codificou  
teu nome.

Vem agora, luz flutuante?  
Dedos, também eles de cera,  
puxados por  
anéis estranhos, de ferro.  
Fundidas as pontas.

Vens, luz flutuante?

Ocos de tempo, os favos do relógio,  
o milho de abelhas noivas,  
pronto para viajar.

Vem agora, luz flutuante.

[DIE WELT]

Die Welt, Welt,  
in allen Fürzen gerecht,

ich, ich,  
bei dir, dir, Kahl-  
geschorne.

[O MUNDO]

O mundo, mundo,  
justificado em todos os peidos,  
eu, eu,  
contigo, tigo, to-  
sado.

COAGULA

Auch deine  
Wunde, Rosa.

Und das Hörnerlicht deiner  
rumänischen Büffel  
an Sternes Staat überm  
Sandbett, im  
redenden, rot-  
aschengewaltigen  
Kolben.

COAGULA

Também tua  
ferida, Rosa.

E a luz dos chifres de teus  
búfalos romenos  
em vez da estrela sobre o  
leito de areia, na  
loquaz, ultra-  
grisubrecida  
coronha.

[STEHEN]

Stehen, im Schatten  
des Wundenmals in der Luft.

Für-niemand-und-nichts-Stehen.  
Unerkannt,  
für dich  
allein.

Mit allem, was darin Raum hat,  
auch ohne  
Sprache.

[ESTAR]

Estar, à sombra  
da chaga no ar.

Não-estar-para-ninguém-e-nada.  
Incógnito,  
para ti  
somente.

Com tudo o que aí dentro comporta,  
sem linguagem  
também.

[IN DEN FLÜSSEN]

In den Flüssen nördlich der Zukunft  
werf ich das Netz aus, das du  
zögernd beschwerst  
mit von Steinen geschriebenen  
Schatten.

[NOS RIOS]

Nos rios ao norte do futuro  
lanço a rede que tu,  
hesitante, lastreias  
com sombras  
escritas por pedras.

[UNLESBARKEIT]

Unlesbarkeit dieser  
Welt. Alles doppelt.

Die starken Uhren  
geben der Spaltstunde recht,  
heiser.

Du, in dein Tiefstes geklemmt,  
entsteigst dir  
für immer.

[ILEGIBILIDADE]

Ilegibilidade deste  
mundo. Tudo duplo.

Roucos,  
os relógios fortes  
dão razão à hora fendida.

Tu, preso a teu mais profundo,  
sais de ti  
para sempre.

IN MEMORIAM PAUL ELUARD

Leg dem Toten die Worte ins Grab,  
die er sprach, um zu leben.  
Bette sein Haupt zwischen sie,  
lass ihn fühlen  
die Zungen der Sehnsucht,  
die Zangen.

Leg auf die Lider des Toten das Wort,  
das er jenem verweigert,  
der du zu ihm sagte,  
das Wort,  
an dem das Blut seines Herzens vorbeisprang,  
als eine Hand, so nacht wie die seine,  
jenen, der du zu ihm sagte,  
in die Bäume der Zukunft knüpfte.

Leg ihm dies Wort auf die Lider:  
vielleicht  
tritt in sein Aug, das noch blau ist,  
eine zweite, fremdere Bläue,  
und jener, der du zu ihm sagte,  
träumt mit ihm: Wir.

A PAUL ELUARD, *IN MEMORIAM*

Lança na cova ao morto as palavras  
que ele falava para viver.  
Deita sua cabeça entre elas,  
deixa-o sentir  
as línguas da saudade,  
as tenazes.

Lança nas pálpebras do morto a palavra  
que ele recusou àquele  
que o tratou por tu,  
a palavra  
na qual verteu o sangue de seu coração,  
quando uma mão, tão nua quanto a dele,  
atou aquele que o tratou por tu  
nas árvores do futuro.

Lança-lhe esta palavra nas pálpebras:  
talvez  
penetre em seu olho, que ainda é azul,  
um segundo, mais desconhecido azul,  
e aquele que o tratou por tu  
sonhe junto com ele: Nós.

[TAU]

Tau. Und ich lag mit dir, du, im Gemülle,  
ein matschiger Mond  
bewarf uns mit Antwort,

wir bröckelten auseinander  
und bröselten wieder in eins:

der Herr brach das Brot,  
das Brot brach den Herrn.

[ORVALHO]

Orvalho. E estive deitado contigo, tu, em meio ao lixo,  
uma lua lamosa  
recobria-nos com resposta,

nós nos despedaçávamos  
e, esfarelando, nos reintegrávamos:

o Senhor partiu o pão,  
o pão partiu o Senhor.



## DER SAND AUS DEN URNEN

Schimmelgrün ist das Haus des Vergessens.  
Vor jedem der wehenden Tore blaut dein enthaupteter Spielmann.  
Er schlägt dir die Trommel aus Moos und bitterem Schamhaar;  
mit schwärender Zehe malt er im Sand deine Braue.  
Länger zeichnet er sie als sie war, und das Rot deiner Lippe.  
Du fühlst hier die Urnen und speisest dein Herz.

## A AREIA DAS URNAS

Verde-mofo é a casa do esquecimento.  
Ante cada um dos portões flutuantes vai azulando teu tamborileiro  
decapitado.  
Para ti ele repica os tambores de musgo e amargos pêlos  
pubianos;  
com artelho purulento pinta na areia tua sobrancelha.  
Mais longa do que era ele a desenha, e o vermelho de teu lábio.  
Enches aqui as urnas e dás de comer a teu coração.

## [HÖRRESTE, SEHRESTE]

Hörreste, Sehreste, im  
Schlafsaal eintausendundeins,

tagnächtlich  
die Bären-Polka:

sie schulen dich um,

du wirst wieder  
er.

[RESÍDUOS ACÚSTICOS, RESÍDUOS VISUAIS]

Resíduos acústicos, resíduos visuais, no  
dormitório mil e um,

dia e noite  
a Polca dos Ursos:

estão te reeducando

tu o serás  
novamente.

TODESFUGE

Schwarze Milch der Frühe wir trinken sie abends  
wir trinken sie mittags und morgens wir trinken sie nachts  
wir trinken und trinken  
wir schaufeln ein Grab in den Lüften da liegt man nicht eng  
Ein Mann wohnt im Haus der spielt mit den Schlangen der schreibt  
der schreibt wenn es dunkelt nach Deutschland dein goldenes  
Haar Margarete  
er schreibt es und tritt vor das Haus und es blitzen die Sterne er

pfeift seine Rüden herbei  
er pfeift seine Juden hervor lässt schaufeln ein Grab in der Erde  
er befiehlt uns spielt auf nun zum Tanz

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich abends  
wir trinken dich morgens und mittags wir trinken dich abends  
wir trinken und trinken  
Ein Mann wohnt im Haus der spielt mit den Schlangen der schreibt  
der schreibt wenn es dunkelt nach Deutschland dein goldenes  
Haar Margarete  
Dein aschenes Haar Sulamith wir schaufeln ein Grab in den Lüften  
da liegt man nicht eng

Er ruft stecht tiefer ins Erdreich ihr einen ihr andern singet und  
spielt  
er greift nach dem Eisen im Gurt er schwingts seine Augen sind  
blau  
stecht tiefer die Spaten ihr einen ihr andern spielt weiter zum Tanz auf

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich nachts  
wir trinken dich mittags und morgens wir trinken dich abends  
wir trinken und trinken  
ein Mann wohnt im Haus dein goldenes Haar Margarete  
dein aschenes Haar Sulamith er spielt mit den Schlangen

Er ruft spielt süß den Tod der Tod ist ein Meister aus Deutschland  
er ruft streicht dunkler die Geigen dann steigt ihr als Rauch in die  
Luft  
dann habt ihr ein Grab in den Wolken da liegt man nicht eng

Schwarze Milch der Frühe wir trinken dich nachts  
wir trinken dich mittags der Tod ist ein Meister aus Deutschland  
wir trinken dich abends und morgens wir trinken und trinken  
der Tod ist ein Meister aus Deutschland sein Auge ist blau  
er trifft dich mit bleierner Kugel er trifft dich genau  
ein Mann wohnt im Haus dein goldenes Haar Margarete  
er hetzt seine Rüden auf uns er schenkt uns ein Grab in der Luft  
er spielt mit den Schlangen und träumet der Tod ist ein Meister aus  
Deutschland

dein goldenes Haar Margarete  
dein aschenes Haar Sulamith

#### FUGA DA MORTE

Leite negro da madrugada nós o bebemos ao anoitecer  
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos de  
noite  
bebemos e bebemos  
cavamos uma cova nos ares lá não se jaz oprimido  
Um homem mora na casa brinca com as cobras escreve  
escreve quando escurece para a Alemanha teu cabelo dourado  
Margarete  
ele o escreve e se põe diante da casa e brilham os astros  
assoviando ele junta seus cães de caça  
assoviando ele chama seus judeus manda cavar uma cova na  
terra  
ele nos ordena agora tocai para o baile

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
nós te bebemos de manhã e ao meio-dia te bebemos ao anoitecer  
bebemos e bebemos  
Um homem mora na casa brinca com as cobras escreve  
escreve quando escurece para a Alemanha teu cabelo dourado  
Margarete  
Teu cabelo cendrado Sulamita cavamos uma cova nos ares lá  
não se jaz oprimido

Ele grita furai mais fundo no chão vós outros cantai e tocai  
ele saca a arma do cinto brande-a seus olhos são azuis  
enfiai mais fundo as pás vós outros continuai tocando para o  
baile  
Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
te bebemos ao meio-dia e de manhã te bebemos ao anoitecer  
bebemos e bebemos  
um homem mora na casa teu cabelo dourado Margarete  
teu cabelo cendrado Sulamita ele brinca com as cobras

Ele grita tocai mais docemente a morte a morte é um mestre que  
vem da Alemanha  
ele grita roçai mais gravemente os violinos e em fumaça  
ascendereis no ar  
então tereis uma cova nas nuvens lá não se jaz oprimido

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite  
te bebemos ao meio-dia a morte é um mestre que vem da  
Alemanha

te bebemos ao anoitecer e de manhã bebemos e bebemos  
a morte é um mestre que vem da Alemanha seu olho é azul  
ele te acerta com bala de chumbo te acerta em cheio  
um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete  
ele açula seus cães de caça sobre nós presenteia-nos com uma  
cova no ar  
ele brinca com as cobras e sonha a morte é um mestre que vem  
da Alemanha

teu cabelo dourado Margarete  
teu cabelo cendrado Sulamita

#### GRABSCHRIFT FÜR FRANÇOIS

Die beiden Türen der Welt  
stehen offen:  
geöffnet von dir  
in der Zwiernacht.  
Wir hören sie schlagen und schlagen  
und tragen das ungewisse,  
und tragen das Grün in dein Immer.

## EPITÁFIO PARA FRANÇOIS

Ambas as portas do mundo  
estão abertas:  
abertas por ti  
na entrenoite.  
Ouvimo-las bater e bater  
e levamos o incerto,  
e levamos o verde para dentro de teu sempre.

## SCHIBBOLETH<sup>1</sup>

Mitsamt meinen Steinen,  
den grossgeweinten  
hinter den Gittern,  
  
schleiften sie mich  
in die Mitte des Marktes,  
dorthin,  
wo die Fahne sich aufrollt, der ich  
keinerlei Eid schwor.  
  
Flöte,  
Doppelflöte der Nacht:  
denke der dunklen  
Zwillingsröte  
in Wien und Madrid.

Setz deine Fahne auf Halbmast,  
Erinnerung.  
Auf Halbmast  
für heute und immer.

Herz:  
gib dich auch hier zu erkennen,  
hier, in der Mitte des Marktes.  
Ruf's, das Schibboleth, hinaus  
in die Fremde der Heimat:  
Februar. No pasaran.

Einhorn:  
du weisst um die Steine,  
du weisst um die Wasser,  
komm, ich führ dich hinweg  
zu den Stimmen  
von Estremadura.

#### XIBOLETE

Junto com minhas pedras,  
as grandepioradas  
por trás das grades,  
eles me arrastaram  
para o meio da praça,  
para lá,



onde a bandeira à qual  
nenhum juramento prestei se desfralda.

Flauta,  
dupla flauta da noite:  
relembra o profundo  
rubor geminado  
em Viena e Madri.

Põe tua bandeira a meio mastro,  
Lembrança.  
A meio mastro  
por hoje e sempre.

Coração:  
deixa-te reconhecer também aqui,  
aqui, no meio da praça.  
Grita-o, o xibolete, para fora  
para o desconhecido da pátria:  
fevereiro. *No pasaran.*

Unicórnio:  
tu sabes das pedras,  
tu sabes das águas,  
vem, eu te levo embora  
para as vozes  
de Estremadura.

(1) *Schibboleth*: "Palavra que serviu como teste para distinguir os Efraimitas dos Gibeonitas" (na Judéia antiga). "Os homens de Jeftá ocupavam o passo do Jordão, com ordens de não deixar nenhum Efraimita cruzá-lo. O Efraimita que tentasse cruzá-lo era intimado a dizer *Shibboleth*" (sh = /s'/) "que pronunciava Sibboleth" (*The Modern Encyclopedia*, edited by A. H. McDonald, 1934, p. 1.082), in CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*, 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 52.

## BLUME

Der Stein.  
Der Stein in der Luft, dem ich folgte.  
Dein Aug, so blind wie der Stein.  
Wir waren  
Hände,  
wir schöpften die Finsternis leer, wir fanden  
das Wort, das den Sommer heraufkam:  
Blume.

Blume – ein Blindenwort.  
Dein Aug und mein Aug:  
sie sorgen  
für Wasser.

Wachstum.  
Herzwand und Herzwand  
blättert hinzu.

Ein Wort noch, wie dies, und die Hämmer  
schwingen im Freien.

FLOR

A pedra.  
A pedra no ar, a qual segui.  
Teu olho, tão cego quanto a pedra.  
Éramos  
mãos,  
haurimos toda a treva e encontramos  
a palavra que aflorou o verão:  
Flor.  
Flor – uma palavra de cegos.  
Teu olho e meu olho:  
eles providenciam  
água.

Crescimento.  
Paredes de coração  
vão se folhando ali.

Mais uma palavra como essa, e os martelos  
vibrarão a céu aberto.

MOHN

Die Nacht mit fremden Feuern zu versehen,  
die unterwerfen, was in Sternen schlug,  
darf meine Sehnsucht als ein Brand bestehen,  
der neunmal weht aus deinem runden Krug.

Du musst der Pracht des heissen Mohns vertrauen,  
der stolz verschwendet, was der Sommer bot,  
und lebt, dass er am Bogen deiner Brauen  
errät, ob deine Seele träumt im Rot.  
Er fürchtet nur, wenn seine Flammen fallen,  
weil ihn der Hauch der Gärten seltsam schreckt,  
dass er dem Aug der süssesten von allen  
sein Herz, das schwarz von Schwermut ist, entdeckt.

PAPOULA

Prover a noite com fogos estranhos,  
que subjugam o que bateu nos astros,  
deixa que minha saudade exista feito um incêndio  
que nove vezes sai de teu rotundo cântaro.

Tens de confiar no esplendor da papoula ardente,  
que orgulhosamente dissipa o que o verão ofereceu,  
e vive, confiar que ela no arco de tuas sobranceiras  
adivinha se tua alma em púrpura sonha.

Ela teme apenas quando suas flamas baixam,  
pois o hálito dos jardins singularmente a assusta,  
teme apenas que ela ao olho da mais doce de todas  
descubra seu coração, que está negro de melancolia.

#### SCHLAF UND SPEISE

Der Hauch der Nacht ist dein Laken, die Finsternis legt sich zu dir.  
Sie rührt dir an Knöchel und Schläfe, sie weckt dich zu Leben und  
Schlaf,  
sie spürt dich im Wort auf, im Wunsch, im Gedanken,  
sie schläft bei jedem von ihnen, sie lockt die hervor.  
Sie kämmt dir das Salz aus den Wimpern und tischt es dir auf,  
sie lauscht deinen Stunden den Sand ab und setzt ihn dir vor.  
Und was sie als Rose war, Schatten und Wasser,  
schenkt sie dir ein.

#### SONO E SUSTENTO

O sopro da noite é teu lençol, a treva se deita junto a ti.  
Ela te roça em tornozelo e têmpora, desperta-te para vida e sono,  
rastreia-te na palavra, no desejo, no pensamento,  
dorme com cada um deles, te alicia.  
Penteia-te o sal dos cílios e serve-o a ti na mesa,  
de tuas hora apreende a areia e põe-na a teu alcance.  
E o que como rosa era, sombra e água,  
ela verte em teu copo.

ASSISI

Umbrische Nacht.

Umbrische Nacht mit dem Silber von Glocke und Ölblatt.

Umbrische Nacht mit dem Stein, den du hertrugst.

Umbrische Nacht mit dem Stein.

Stumm, was ins Leben stieg, stumm.

Füll die Krüge um.

Irdener Krug.

Irdener Krug, dran die Töpferhand festwuchs.

Irdener Krug, den die Hand eines Schattens für immer verschloss.

Irdener Krug mit dem Siegel des Schattens.

Stein, wo du hinsiehst, Stein.

Lass das Grautier ein.

Trottendes Tier.

Trottendes Tier im Schnee, den die nacktste Hand streut.

Trottendes Tier vor dem Wort, das ins Schloss fiel.

Trottendes Tier, das den Schlaf aus der Hand frisst.

Glanz, der nicht trösten will, Glanz.

Die Toten – sie betteln noch, Franz.

ASSIS

Noite úmbria.

Noite úmbria, com a prata de sino e a folha de oliveira.

Noite úmbria, com a pedra que para cá trouxeste.

Noite úmbria, com a pedra.

Mudo, o que ascendeu à vida, mudo.

Transvasa os cântaros.

Cântaro de barro.

Cântaro de barro que com a mão do oleiro cresceu.

Cântaro de barro que a mão de uma sombra fechou para sempre.

Cântaro de barro com o lacre da sombra.

Pedra, para onde olhas, pedra.

Deixa entrar o burrinho.

Bicho trotante.

Bicho trotante na neve que a mão mais desnuda asperge.

Bicho trotante frente à palavra que se fechou num golpe.

Bicho trotante que come o sono na mão.

Brilho, que não quer consolar, brilho.

Os mortos – eles ainda mendigam, Francisco.

[NÄCHTLICH GESCHÜRZT]

*Für Hannah und Hermann Lenz*

Nächtlich geschürzt  
die Lippen der Blumen,  
gekreuzt und verschränkt  
die Schäfte der Fichten,  
ergraut das Moos, erschüttert der Stein,  
erwacht zum unendlichen Fluge  
die Dohlen über dem Gletscher:

dies ist die Gegend, wo  
rasten, die wir ereilt:  
sie werden die Stunden nicht nennen,  
die Flocken nicht zählen,  
den Wassern nicht folgen ans Wehr.

Sie stehen getrennt in der Welt,  
ein jeglicher bei seiner Nacht,  
ein jeglicher bei seinem Tode,  
unwirsch, barhaupt, bereift  
von Nahem und Fernem.

Sie tragen die Schuld ab, die ihren Ursprung beseelte,  
sie tragen sie ab an ein Wort,  
das zu Unrecht besteht, wie der Sommer.



Ein Wort – du weisst:  
eine Leiche.

Lass uns sie waschen,  
lass uns sie kämmen,  
lass uns ihr Aug  
himmelwärts wenden.

[NOTURNAMENTE CONTRAÍDOS]

Para Hannah e Hermann Lenz  
Noturnamente contraídos  
os lábios das flores,  
cruzados e entrelaçados  
os galhos dos pinheiros,  
agrisalhado o musgo, comovida a pedra,  
despertas para o infindável vôo  
as gralhas sobre a geleira:

essa é a paragem onde  
descansam os que alcançamos:

eles não darão nome às horas,  
não contarão os flocos,  
não seguirão as águas no açude.

Estão separados no mundo,  
um qualquer na sua noite,  
um qualquer na sua morte,

rudes, a cabeça descoberta, geados  
de proximidades e distâncias.

Vão expiando a culpa a que sua origem deu alma,  
vão expiando-a em uma palavra,  
que demasiado injusta existe, como o verão.

Uma palavra – tu sabes:  
um cadáver.  
Deixa-nos lavá-lo,  
deixa-nos penteá-lo,  
deixa-nos volver seu olho  
em direção ao céu.

#### CHANSON EINER DAME IM SCHATTEN

Wenn die Schweigsame kommt und die Tulpen köpft:

Wer gewinnt?

Wer verliert?

Wer tritt an das Fenster?

Wer nennt ihren Namen zuerst?

Es ist einer, der trägt mein Haar.

Er trägts wie man Tote trägt auf den Händen.

Er trägts wie der Himmel mein Haar trug im Jahr, da ich liebte.

Er trägt es aus Eitelkeit so.

Der gewinnt.

Der verliert nicht.

Der tritt nicht ans Fenster.

Der nennt ihren Namen nicht.

Es ist einer, der hat meine Augen.

Er hat sie, seit Tore sich schliessen.

Er trägt sie am Finger wie Ringe.

Er trägt sie wie Scherben von Lust und Saphir:

er war schon mein Bruder im Herbst;

er zählt schon die Tage und Nächte.

Der gewinnt.

Der verliert nicht.

Der tritt nicht ans Fenster.

Der nennt ihren Namen zuletzt.

Es ist einer, der hat, was ich sagte.

Er trägts unterm Arm wie ein Bündel.

Er trägts wie die Uhr Ihre schlechteste Stunde.

Er trägt es von Schwelle zu Schwelle, er wirft es nicht fort.

Der gewinnt nicht.

Der verliert.

Der tritt an das Fenster.

Der nennt ihren Namen zuerst.

Der wird mit den Tulpen geköpft.

CHANSON DE UMA DAMA À SOMBRA

Quando a silente vem e degola as tulipas:

Quem ganha?

Quem perde?

Quem surge à janela?

Quem diz primeiro o nome dela?

É alguém que leva o meu cabelo.

Ele o leva como se levam mortos nas mãos.

Ele o leva como o céu levou meu cabelo naquele ano em que  
amei.

Ele o leva assim por vaidade.

Esse ganha.

Esse não perde.

Esse não surge à janela.

Esse não diz o nome dela.

É alguém que tem os meus olhos.

Ele os tem desde quando portões se fecham.

Ele os leva no dedo, como anéis.

Ele os leva como estilhaços de gozo e safira:

ele já era meu irmão no outono;

ele já conta os dias e as noites.

Esse ganha.

Esse não perde.

Esse não surge à janela.

Esse diz por último o nome dela.

É alguém que tem o que eu disse.

Ele o leva sob o braço como uma trouxa.  
Ele o leva como o relógio à sua pior hora.  
Ele o leva de limiar em limiar, não o deita fora.

Ele não ganha.  
    Esse perde.  
        Esse surge à janela.  
Esse é degolado com as tulipas.